

Viagens da Saudade

Coordenação

Maria Celeste Natário

Paulo Borges

Luís Lóia

Organização

Cláudia Sousa

Nuno Ribeiro

Rodrigo Araújo

Porto

2019

FICHA TÉCNICA

Título: **Viagens da Saudade**

Coordenação: Maria Celeste Natário
Paulo Borges
Luís Lóia

Organização: Cláudia Sousa
Nuno Ribeiro
Rodrigo Araújo

Editor: Universidade do Porto. Faculdade de Letras

Ano de edição: 2019

ISBN: 978-989-8969-26-2

DOI: <https://doi.org/10.21747/978-989-8969-26-2/viag>

URL: <https://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id022id1671&sum=sim>

Manuel Cândido Pimentel*

A conceção da Saudade em Ramón Piñeiro

Resumo: Este artigo incide sobre a noção da saudade no filósofo galego Ramón Piñeiro. O pensador defende que a unidade espiritual da Galiza e de Portugal está na saudade e interpreta este sentimento no quadro de uma ontologia fundamental e de uma conceção existencial da vida humana. Definindo diferenças entre a saudade e outras formas afetivas, como a *añoranza*, a nostalgia e a *anela*, Piñeiro defende uma instância pura da saudade que não se confunde com aquelas formas e que coincide com a intimidade essencial do ser humano.

Palavras-chave: saudade, Galiza, Portugal, ontologia, *añoranza*, nostalgia, *arela*.

The concept of Saudade in Ramón Piñeiro

Abstract: This paper focuses on the notion of saudade in the Galician philosopher Ramón Piñeiro. The thinker claims that the spiritual unity of Galicia and Portugal is in saudade and interprets this feeling within the framework of a fundamental ontology and an existential conception of human life. Defining differences between saudade and other affective forms, such as *añoranza*, homesickness and *arela*, Piñeiro defends a pure instance of saudade that is not confused with those forms and that coincides with the essential intimacy of the human being.

Key words: saudade, Galiza, Portugal, ontology, *añoranza*, homesickness, *arela*.

* Universidade Católica Portuguesa; e-mail: cpimentel@fch.lisboa.ucp.pt

Na paisagem intelectual da Galiza, Ramón Piñeiro (1915-1990) sobressai como o pensador que mais pugnou por estabelecer os fundamentos de uma cultura espiritual comum a galegos e portugueses. Levou a cabo uma tal tarefa num conjunto de textos que escreveu entre as décadas de cinquenta e setenta de Novecentos e que felizmente reuniu no livro que editou em 1984 sob o título de *Filosofía da Saudade*⁴⁸⁶. Ao situar-se filosoficamente no terreno da preocupação existencial, foi para o sentimento da saudade que virou a sua inquietação, vendo neste a forma característica do ser e do estar da Galiza e de Portugal, o elemento vivencial por detrás da torrente de manifestação do lirismo, desde a literatura medieval, ou galego-portuguesa, até ao universo poético dos séculos XIX e XX, de onde destaca as figuras maiores de Rosalía de Castro (1837-1885) e Teixeira de Pascoaes (1877-1952)⁴⁸⁷.

Com a estruturação político-administrativa do Noroeste peninsular pelos romanos, na área que vai desde o rio Douro até ao Cantábrico, estabeleceu-se a província que o Império Romano nomeou Galécia (*Gallaetia*), com dois centros importantes, Braga, na Galécia do Sul, e Lugo, na Galécia do Norte. É nesta divisão que radicam as duas Galizas — pátrias espirituais irmãs descendidas de uma unidade cultural e com um passado comum — quando, por mor dos acontecimentos históricos, Portugal se separou dos outros reinos peninsulares.

Foi Braga o centro cultural da romanização como mais tarde da cristianização. Desintegrado o Império, o cristianismo católico prosseguiu no rumo da romanização cultural da Galécia, sobretudo a romanização linguística. A língua latina evoluiu para o romance galego e o cristianismo, nas camadas populares, foi-se fundindo com tradições ancestrais pagãs. O novo romance originaria o galego-português que se consolida como língua falada e escrita na Galécia do Sul, na Lusitânia, e que nesta se tornou uma língua madura no século XIII. Lembra Piñeiro que o novo romance galego haveria de servir de veículo expressivo e comunicativo a uma personalidade coletiva que resultou da fusão de influências célticas, romanas, cristãs, suevas, visigodas, entre outras, num processo histórico-cultural que se produziu em toda a Galécia, a Norte e a Sul, donde resulta a participação das duas Galizas numa unidade cultural e idiomática que viria, histórica e literariamente, a revelar-se nos cancioneros medievais, mas que se quebraria no plano político quando, no século XII, a

⁴⁸⁶ PIÑEIRO, Ramón, *Filosofía da Saudade*, Editorial Galaxia, Vigo 1984.

⁴⁸⁷ Para Rosalía, cf. «A saudade en Rosalía», *ibidem*, pp. 105-121, e para Pascoaes, «Saudade e sociedade, dimensións do home», *ibidem*, pp. 92-93.

Galécia do Sul se converteu em nação independente como reino de Portugal e a do Norte permaneceu dependente dos reinos de Leão e Castela⁴⁸⁸.

A separação tornar-se-ia irreversível e daria lugar à *diferenciação individualizadora* da velha e longa unidade cultural, diferenciação que, como pondera o autor galego, não foi, contudo, simultânea à divisão política dos povos, antes se foi produzindo ulteriormente⁴⁸⁹. É assim que podemos na medievalidade falar de cultura e língua galego-portuguesas, tanto quanto na época moderna de cultura e língua galegas e cultura e língua portuguesas, mas, observa aqui Ramón Piñeiro, que tal diferenciação imposta pela história dos dois países não é tão profunda que apague a «comunidade essencial que nasce da comunidade de orixe»⁴⁹⁰ e que dá às pátrias um imorredouro laço de fraternidade.

Da unidade cultural de origem sai a saudade como uma das manifestações culturais comuns a galegos e portugueses, aliás, a mais fortemente expressiva, caracterizadora do sentir da Galiza e de Portugal desde os primórdios. «A saudade — escreve —, como a língua, é unha expresión da mentalidade peculiar que se foi configurando na velha Galecia, tanto na do Norte como na do Sur.»⁴⁹¹ Ela é «manifestación da mentalidade común galego-portuguesa»⁴⁹², pelo que Ramón Piñeiro a reivindica como traço peculiar das duas pátrias espirituais, recuando-a para a ancestralidade de uma cultura que se deu antes de ter havido divisão, antes do destino historial que as levou por separados caminhos, que justifica que a saudade enquanto vivência seja para elas um comum património e um rasgo de identidade.

Ramón Piñeiro tem, porém, a consciência de que a saudade se diferenciou nas duas pátrias da saudade. A primitiva saudade galego-portuguesa, tal como a língua galego-portuguesa produziu a diferenciação nas línguas galega e portuguesa, produziu também a diferenciação na saudade galega e na saudade portuguesa⁴⁹³, mas apressa-se a defender que, tendo sido uma tal diferenciação imposta pela história, ela não anula o facto de que as duas Galizas têm uma comum origem, um comum desenvolvimento durante séculos e uma identidade fundamental⁴⁹⁴. Fica-nos das análises e reflexão de Piñeiro sobre os rasgos identitários de Portugal e da Galiza a convicção de que a

⁴⁸⁸ Cf. PIÑEIRO, *Filosofia da Saudade*, op. cit., pp. 86-88.

⁴⁸⁹ Cf. Idem, *ibidem*, pp. 88-89.

⁴⁹⁰ *Ibidem*, p. 89.

⁴⁹¹ *Ibidem*.

⁴⁹² *Ibidem*.

⁴⁹³ *Ibidem*.

⁴⁹⁴ *Ibidem*.

saudade desenvolveu perfis históricos e de conteúdo em ambos os países, modelando o sentir, a produção poética e a teorização filosófica, mas que é a mesma sob o ponto de vista da sua essência ou significação, o que sem dúvida legitima o afã teórico do pensador ao pretender ser possível pensar uma filosofia da saudade como expressão superior do sentimento, da vida lírica e da cultura dos dois povos, para o que, aliás, lançou inteligentes fundamentos.

Notando que a saudade se manifestou peculiarmente em duas etapas históricas da nossa personalidade, tal como aconteceu com a língua e a literatura, destaca-as: a medieval, ou galego-portuguesa, e a moderna, ou galega e portuguesa⁴⁹⁵. Sigamos Ramón Piñeiro.

Na primeira etapa, não aparece nos textos galego-portugueses a palavra saudade, mas *soedade*, *soidade* e *suidade*, variantes derivadas do latino *solitates*, que expressam aquele sentimento, traduzindo a vivência da soidade⁴⁹⁶, na maioria das vezes relacionada com os sentimentos de ausência e de amor, com origem em situações de ausência amorosa, de distância e apartamento dolorosos do ser amado por virtude das guerras contra os mouros, um sentimento que teve a mais alta expressão poética nos cancioneiros⁴⁹⁷. Tal foi a intensidade vivencial e expressiva do sentimento que se oculta sob aquelas palavras, que é significativo que o rei D. Duarte, no *Leal Conselheiro*, viesse, no século XV, a considerar a *suidade* «un rasgo peculiar da mentalidade portuguesa»⁴⁹⁸.

Na segunda etapa, por mercê da separação das duas Galizas, a palavra saudade, em Portugal, vem, a partir do século XVI, a substituir as variantes medievais do galego-português, *soedade*, *soidade* e *suidade*, que continuaram vivas no galego falado, ainda ao longo do período em que o galego deixou de ser língua escrita por imposição política de Castela, e que irão reaparecer no galego literário por via dos poetas do século XIX⁴⁹⁹. Mormente no tempo do domínio filipino, as formas medievais, que ainda alternavam entre «saudade» e «soidade» ou «saudoso» e «soidoso», desaparecem definitivamente, e através da saudade manifestam coletivamente os portugueses «unha singular capacidade vivencial da súa dimensión afectiva»⁵⁰⁰, capacidade que atinge uma complexidade lírica subtil quando motivada pelo sentimento de amor e de ausência, sobretudo

⁴⁹⁵ *Ibidem*.

⁴⁹⁶ Significa soledade ou solidão. A língua portuguesa identifica-a também com o termo saudade, pelo que tanto para o galego como para o português há razões filológicas para identificar a solidão na raiz da saudade. Essas razões estão presentes na filosofia de Piñeiro quando relaciona solidão com saudade.

⁴⁹⁷ Cf. PIÑEIRO, *Filosofia da Saudade*, op. cit., p. 90.

⁴⁹⁸ *Ibidem*.

⁴⁹⁹ Cf. *Ibidem*, p. 91.

⁵⁰⁰ *Ibidem*.

pelas ausências impostas pela odisseia dos Descobrimentos⁵⁰¹. Ramón Piñeiro não reduz, contudo, a saudade portuguesa à experiência amorosa, ao considerá-la uma atitude perante a vida, «actitude dominada polo influxo da intimidade, unha actitude que poderíamos chamar *lírca*»⁵⁰². O enriquecimento coletivo do sentimento da saudade transformou-o no «núcleo esencial da espiritualidade portuguesa»⁵⁰³, o que foi reivindicado por Teixeira de Pascoaes, na sua lírica e na sua prosa, especialmente a de intuito doutrinário, a que corporizou o movimento do Saudosismo. Manifesta Piñeiro que com Pascoaes e os intelectuais da Renascença Portuguesa se elevou a saudade a um sentimento de grande complexidade e de riqueza vivencial⁵⁰⁴. Donde se pode dizer que por via dos poetas, dos doutrinários como Pascoaes e de filósofos como Leonardo Coimbra, que Piñeiro diretamente não refere, mas para cuja teoria filosófica da saudade convém chamar a atenção, pelo grau de pensamento a que eleva o sentimento saudoso, alcançou a saudade uma expressão poética e filosófica que as gerações reivindicariam como tradição de sentir, agir e pensar. E na Galiza, como evoluiu o sentimento?

Uma das características históricas da evolução da saudade na Galiza tem diretamente a ver com o longo período em que foi a língua galega silenciada na sua vertente escrita e literária, que fez com que não experimentasse as influências culturais e os processos variados de alterações linguísticas que as línguas, organismos vivos, sempre sofrem, como na evolução do português, condicionalismo que preservou no galego uma maior fidelidade ao património tradicional, mantendo as formas arcaicas da *soedade*, *soidade* e *suidade*. Contrasta com o mutismo literário galego a rica manifestação literária de Portugal desde o século XVI, facto que, segundo Piñeiro, levou os portugueses como os não portugueses a crer que a saudade era um fenómeno exclusivamente português⁵⁰⁵, o que, postas as condições da cultura comum e da história na origem partilhada, bem mostra como essa convicção não acerta na realidade. Está além disso a voz dos poetas do século XIX, como Rosalía, ou Juan Manuel Pintos e José Benito Amado⁵⁰⁶, a mostrar como o sentimento da saudade é expressivo do povo galego. Ainda que a saudade enquanto palavra não tenha emanado dos processos linguísticos e de cultura do galego mas do português, fez a gente galega adoção do lusismo, e embora reconheça que a palavra é portuguesa de origem, «cousa que

⁵⁰¹ Cf. *ibidem*, p. 92.

⁵⁰² *Ibidem*.

⁵⁰³ *Ibidem*.

⁵⁰⁴ Cf. *ibidem*, pp. 92-93.

⁵⁰⁵ Cf. *ibidem*, p. 94.

⁵⁰⁶ Cf. *ibidem*, p. 95.

para nós os galegos non tiña a menor importancia»⁵⁰⁷, fica a memória de que o sentimento é de património comum⁵⁰⁸, um património para o que contribuíram os galegos literariamente, mas também no plano do pensamento, tendo também na Galiza se convertido a saudade em problema de reflexão intelectual com Ramón Cabanillas, Vicente Risco, Xohan V. Viqueira, R. Novoa Santos, Plácido R. Castro, entre outros⁵⁰⁹. A esta lista lembrada por Ramón Piñeiro é justo ajuntar, além do próprio Piñeiro, os nomes de Rafael Dieste, Ramón Otero Pedrayo, Daniel Cortezón, Rof Carballo, Domingo Garcia Sabell e Andrés Torres Queiruga.

A atenção que o filósofo galego dá ao mundo lírico da poesia popular e erudita não o situa entre os críticos da literatura, mas entre os pensadores que se colocam, desde D. Duarte, na esteira de uma rica tradição especulativa em torno da saudade. Reconheça na saudade a matriz e na expressão do lirismo saudoso a atmosfera original das literaturas de língua galega e portuguesa, interessou-o fundamentalmente a significação filosófica da saudade e o que haja de núcleo filosófico naquele lirismo.

Há que convir que *Filosofía da Saudade*, com ensaios como «Significado metafísico da saudade» e «Para unha filosofía da saudade»⁵¹⁰, apresenta-se com o objetivo notável de libertar a saudade dos lugares-comuns do romanticismo, da vaguidade superficial dos literatos, das análises do psicologismo, das cores literárias de uma saudade tristonha e passadista, mesmo das pressas de certas tendências filosofantes, epidérmicas ou sem profundidade. Ramón Piñeiro liberta a saudade sobretudo da asfixia psicologista, que a confunde com um estado psicológico, restituindo-a ao sentido forte da metafísica e lançando as bases para uma reflexão original a constituí-la como sentimento fundamental da existência humana, amplamente capaz de garantir-se, antropológica e ontologicamente, como ingrediente de uma mundividência, de uma visão universal do mundo e da vida.

A meditação filosófica sobre a saudade que Ramón Piñeiro assumiu está fortemente influenciada pelo pensamento existencial, o que determinará que a sua noção de filosofia esteja orientada pela ideia de que o ponto de partida do filosofar está numa ontologia fundamental, isto é, na vinculação determinante a uma antropologia como condição de possibilidade para pensar a questão

⁵⁰⁷ *Ibidem*, p. 94.

⁵⁰⁸ O primeiro testemunho escrito da palavra saudade como património galego data do século XVIII, introduzida pelo padre beneditino Martín Sarmiento (cf. *ibidem*, pp. 94-95).

⁵⁰⁹ Cf. *ibidem*, p. 97.

⁵¹⁰ *Ibidem*, pp. 19-44 e 45-80, respetivamente.

fundamental que é o sentido do ser, pois que não só o homem está em contacto direto com o ser como é o seu ser que se apresenta mais rico como caminho para a auscultação do ser, ao invés do mundo e, mais geralmente, da realidade. Mundo e realidade propõem uma via indireta para o ser, o que é insuficiente para o ponto de vista da radicalidade do conhecimento do ser. Este situa-se plenamente no ser pelo ser do homem, sem, portanto, mediações.

O imediatismo ontológico do ato de conhecer atingindo o ser pelo ser do homem descobre-nos a característica verdadeira do conhecimento filosófico, que está em ser conhecimento subjetivo, distinto do objetivo, no sentido de que não é racional, nem lógico ou formal, ou não tem origem em faculdades como a razão e a vontade. Ramón Piñeiro é, neste sentido, anti-intelectualista e antivoluntarista, tanto quanto é antipsicologista, dando privilégio à vivência sentimental, a única via ontológica que, para ele, leva o homem a fazer o conhecimento do ser, isto é, fá-lo *sentindo*. Para este conhecimento, mais próximo da escuta do que do ver especulativo, mais afã do enigma ontológico e do mistério da sua inefabilidade, torna-se fundamental ter em conta que a sua primeira instância de proximidade ao ser está no autoconhecimento do homem, um conhecer-se o homem a si próprio que traz implicado o próprio conhecimento do ser. Também para este conhecimento de si não vale a pauta do conhecer objetivo, já que o homem não é um objeto ou ideia, mas uma realidade íntima, que se sabe a si e de si próprio sentindo-se como coisa vivida, numa experiência de vivências, não como coisa abstrata e pensada, exterior, mas patenteada na intimidade. E na intimidade do homem apenas o sentimento atinge originariamente o ser. Aí, as categorias do pensamento racional baseado no conhecimento objetivo não servem para nada⁵¹¹. Por isso regista: «O ser é percibido polo home — no seu *ser*, claro está — como cousa *vivida, experimentada, sentida* antes que como cousa *pensada*.»⁵¹²

O sentimento radical para o filósofo galego é a saudade, que ele distingue muito bem da alegria ou da tristeza, da nostalgia, da melancolia ou da *morriña*, vendo que estes sentimentos implicam sempre um objeto que lhes é exterior, a que se referem e por que se determinam, enquanto a saudade, sentimento que surge da intimidade do homem, não tem objeto, como vivência espontânea que é e fora de toda a relação com o pensamento ou a vontade. A saudade é o sentimento da singularidade do homem e da *soidade*, no sentido de que esta é a radical solidão

⁵¹¹ Cf. *ibidem*, pp. 7-18.

⁵¹² *Ibidem*, p. 17.

ontológica do ser humano⁵¹³. Por outras palavras, a saudade é o sentimento que tem origem na situação de soidade, e é um estado sentimental puro que não pode expressar-se concetualmente, embora possa comunicar-se musical ou liricamente⁵¹⁴.

Ramón Piñeiro não esquece, porém, a complexidade da vida afetiva do homem, e se admite a existência de uma solidão ontológica como nível radical do homem encontrar-se a si mesmo no ser, não denega que o homem, para cá dessa solidão, também possa experimentar diversos modos de solidão e, conseqüentemente, formas diversas de saudade. Dos tipos de soidade aponta como fundamentais: um em direção ao objeto, soidade que o homem vive através da sua atividade transcendente, teórica e prática; outro identificado com a intimidade, soidade que se origina na intimidade pura.

Naquela soidade, que traz implicadamente a relação do sujeito ao objeto, o homem vive constantemente o risco de ser abandonado pelo objeto, suscitando-se então o sentir-se em solidão, e com o sentimento de saudade que lhe corresponda, pois que às diversas modalidades que a relação sujeito-objeto desencadeia, outras tantas correspondem em sentimento de saudade. Segue-se, então, a ponderada análise das formas saudosas da *añoranza*, da *nostalxia* e da *arela*. A *añoranza* seria a saudade do ser amado ou do bem que foi perdido; a *nostalxia* seria a saudade da terra longínqua ou terra-mãe; e a *arela* a saudade da felicidade ideal ou da perfeição ilimitada⁵¹⁵. Assim, o sentimento de cada um destes modos de soidade que viverá o homem, terá uma forma de saudade: *saudade añorativa*, *saudade nostálxica* e *saudade arelante*⁵¹⁶. Estas são três formas de sentimento objetivo, isto é, relacionado com um objeto: o bem *añorado*, a terra-mãe, a felicidade ideal, etc.⁵¹⁷. As características destas três formas de soidade podem, segundo o pensador, ser generalizadas para todas as formas de soidade que o homem vive através da atividade transcendente que desenvolve e que consiste numa atividade com direção a um objeto⁵¹⁸.

Na soidade que se dá na intimidade pura, neste tipo fundamental, não há direção para o objeto. Na zona íntima do humano o sentimento move-se com independência da vontade e do intelecto. Descemos por aqui à faixa do sentir imanente, à situação original do ser humano, à sua soidade

⁵¹³ Cf. *ibidem*, pp. 31, 34, 36, 55-63 e 118.

⁵¹⁴ Cf. *ibidem*, p. 33.

⁵¹⁵ Cf. *ibidem*, p. 48.

⁵¹⁶ Cf. *ibidem*.

⁵¹⁷ Cf. *ibidem*.

⁵¹⁸ Cf. *ibidem*.

ontológica⁵¹⁹, onde o homem vive a sua própria singularidade, experiencia a saudade pura, não conspurcada pelos vestígios do objeto, a saudade imanente que não se refere a nenhuma objetividade, nem à vontade nem à memória. É assim que para a compreensão da saudade pura de Ramón Piñeiro não servem nem os modelos volitivos e intelectivos nem o anamnésico. Não estamos, para o pensador, em face de fenómenos de uma determinada faculdade nem da recordação precorporal platónica. A saudade é o sentimento puro da situação original do homem no ser ou o sentimento da relação singular do homem com o ser, enquanto é ela a vivência mais radical do ser humano. Uma tal vivência mostra-se à meditação ontológica de Piñeiro a título de ser uma experiência da singularidade transcendente do ser do homem na relação com o ser, que visa, pois, a singularização do Ser, e se distingue assim das designadas formas da saudade objetiva, a *añoranza*, a *nostalxia* e a *arela*. Distinguindo-se destas, igualmente se distingue da angústia, por implicar esta uma referência à temporalidade, e da *morriña*, porque à diferença desta, tal como sucede com a *añoranza* e a *nostalxia*, não é a saudade um sentimento nem triste nem alegre, caracterizando-se a saudade ontológica pela carência de significação psicológica⁵²⁰.

A especulação de Ramón Piñeiro veio a desaguar no problema da liberdade ao convir na ideia de que a saudade, sentimento da singularidade ontológica do homem, é também o sentimento da sua intimidade última, que não se reduz a nenhuma outra coisa e que é a liberdade. Assim, se a saudade é o sentimento original da nossa singularidade, ela abre-nos também para a liberdade essencial, que na sua pureza ontológica coincide com a singularidade⁵²¹.

Motivou-o igualmente a questão da alteridade ao defender que a saudade como sentimento da singularidade ontológica do homem não o encerra no interior da sua individualidade, pois que o homem é um ser aberto para os outros, tal como o é para a natureza e a realidade, sobre estas agindo e com aqueles convivendo. De facto, a saudade, revelando a solidão ontológica do homem, revela-lhe em simultâneo a necessidade de transcender essa solidão através de formas de comunicação, como o amor e a amizade, e pela sua integração numa comunidade de cultura e espírito com outros homens, situação que permite as condições para que faça cada qual o caminho existencial da sua plenitude⁵²².

⁵¹⁹ Cf. *ibidem*, p. 49.

⁵²⁰ Cf. *ibidem*, pp. 47-63 e 98-99.

⁵²¹ Cf. *ibidem*, pp. 76-80.

⁵²² Cf. *ibidem*, pp. 101-103 e 116-118.

Preocupado com a universalidade da saudade, o filósofo galego situou-a além da sua condição privativa de sentimento exclusivo de um povo, o galego e o português. E embora não deixasse de ver que foi na Galiza e em Portugal que se deram as condições para uma experiência coletiva do sentimento, tratando-se de um sentimento humano, pensou a saudade como experienciável por outros povos, como o foram a razão para os gregos ou a vontade para os alemães. Galegos e portugueses contribuiriam assim com o veio do sentimento para a mundividência filosófica das culturas, tal como, com outras realidades, o fizeram historicamente a Grécia e a Alemanha.

Uma das maiores dificuldades da filosofia da saudade de Ramón Piñeiro está sobretudo no preconceito que faz deslizar o pensamento para as formas do intelectualismo, do formalismo e do logicismo, o que lhe impede uma real atitude que visse na presença do pensamento mais do que a simples fórmula de uma ordenação superior do conhecimento objetivo, ou intelectual, com o conhecimento subjetivo, ou íntimo, da experiência sentimental⁵²³. Pensamento e sentimento ficam aqui separados, irreconciliados, quando o sentimento é sempre uma experiência penetrada de pensamento, não havendo sentimento sem pensamento e sem a condição do inteligir do pensamento que invade todas as formas do sentir como formas inteligíveis ou de experiência para um sujeito. Não há, assim, uma experiência sentimental sem a correspondente experiência que o pensamento faz envolvimento dela, o que julgo ter já dito noutras ocasiões ao falar de uma razão que não é puramente especulativa mas comovida, isto é, um pensamento que é razão, inteligência, volição e afetividade, não sendo a razão mais do que a expressão de uma unidade integral que é o homem.

A segunda dificuldade da saudade em Piñeiro está em ser cativa do purismo do sentimento, impossível de dar-se como experiência afetiva pura para um ser humano que faz constantemente a experiência do tempo e é um ser temporal. O pensador galego intentou defender o sentimento da saudade fora de relação com a temporalidade quando a temporalidade é uma forma possível da experiência humana do sentimento, o que inclui a saudade. Ainda que a saudade, no grau mais alto da sua experiência metafísica, aspire a uma anulação do tempo, o que Piñeiro não considera por defender que o ponto de partida se dá fora do tempo, essa aspiração faz-se precisamente porque a saudade está influída pelo tempo, que busca superar na ordem do ser e do invisível.

A terceira e não menos importante dificuldade está no próprio conceito da saudade como sentimento da singularidade do homem e da sua solidão ontológica. Assim considerada, a saudade

⁵²³ Cf. *ibidem*, p. 64.

torna-se privativa da criatura e debalde a tentaremos pensar no Criador, facto que deve ser acrescido pela admiração que pode dar-se quanto ao pensamento da solidão ontológica, quando, na radicalidade do ser que manifesta o Ser, nos apercebemos que não estaríamos mais em solidão ontológica, mas em vera companhia.

Referências bibliográficas

PIÑEIRO, Ramón (1984), *Filosofía da Saudade*, Vigo: Editorial Galaxia.